

DESIGN & SAÚDE

UM CAMPO DE PRÁTICAS SIMPOIÉTICAS

*Barbara Szaniecki
Talita Tibola
Camille Moraes*

Entendendo que vivemos em um período marcado por turbulências, neste capítulo, buscamos discutir a importância de pensarmos a saúde como um problema de design. Nesse sentido, no primeiro tópico tratamos do pensamento crítico do design voltado para a inovação social e ação colaborativa; no segundo, trazemos a proposta de operarmos por meio de um “Design simpoiético”, dialogando com autores que pensam o design como uma conexão entre diversos atores, resultando em um “fazer com”; na terceira parte discorremos sobre a aproximação entre o design e a saúde brasileira, apresentando o trabalho de campo realizado com pacientes da Clínica da Família da Penha¹, em parceria com o Arranjo Local da Penha. No quarto tópico trazemos algumas considerações que emergiram do encontro entre o design e a saúde, envolvendo o arcabouço teórico e as práticas desenvolvidas.

¹ A Escola Superior de Desenho Industrial da (UERJ) tem uma parceria com o Arranjo Local marcada principalmente pelas pesquisas: “Projetando para agricultura urbana: um estudo de caso no complexo de favela da Penha no Rio de Janeiro”, de Diego Costa; “Práticas participativas na gestão de resíduos orgânicos em favelas”, de Pedro Biz; e “Nutrir com: uma cartografia degustativa sobre design, saúde e participação”. O artigo baseia-se nesta última, realizada por Camille Moraes orientada por Barbara Szaniecki e coorientada por Talita Tibola.

INOVAÇÃO SOCIAL E AÇÃO COLABORATIVA

Em 1970, Victor Papanek escrevia criticamente sobre o design a partir de uma reflexão mais voltada para a sustentabilidade, ao publicar o livro *Design for the real world*. No prefácio, o autor problematizou o design de comunicação que busca convencer pessoas a comprarem o que não necessitam, com um capital que elas não têm e com o intuito de impressionar outras pessoas que, na realidade, não se importariam (PAPANEK, 1985).

Papanek (1985), entendendo o século XX como um período marcado pela produção em massa, em que tudo se planeja e projeta, enxergava o design como uma ferramenta potente por meio da qual o homem consegue dar forma a seus ambientes e instrumentos, nos âmbitos social e pessoal. É a partir dessa linha de pensamento que o autor entendia que o designer deve ter responsabilidade social e moral em sua atuação. Papanek destacava a inovação na atuação do designer, mas de forma divergente ao que faz o capitalismo, ou seja, com a “obrigação de parar de encher a Terra com objetos e estruturas mal projetadas” (PAPANEK, 1985, p. X).

Por uma perspectiva mais contemporânea, Ezio Manzini (2008) traz a seguinte reflexão: qual o papel efetivo dos designers, tendo em conta os contextos atuais e a natureza das transformações, caracterizada pelo autor como catastróficas? Manzini entende que, enquanto designers, fomos e ainda somos parte do problema, mas que é possível transformar-nos em parte da solução (MANZINI, 2008).

Com efeito, Manzini defende a transição à sustentabilidade por meio de mudanças radicais nos padrões de produção e consumo. Segundo o autor essas mudanças seriam a base do aprendizado da sociedade direcionadas à redução dos problemas ambientais e sociais (MANZINI, 2008).

A transição para a sustentabilidade, proposta por Manzini (2008), é impulsionada pela inovação social, ao ser responsável pelas mudanças nos modos como os indivíduos ou comunidades solucionam seus problemas ou criam novas oportunidades, estando mais relacionadas ao comportamento do que à tecnologia. Nesse contexto, emerge o termo “design para a inovação social”, formulado a partir da definição do papel de interlocutor assumido pelo designer no processo de inovação social. A interlocução ocorre por meio das nossas qualidades profissionais de designers, através da indicação de novas direções voltadas às inovações técnicas e a projeção de novos artefatos. Manzini destaca, assim, o consequente desenvolvimento das chamadas “redes projetuais”, nas quais nós,

designers, utilizando conhecimentos específicos de nosso campo, temos a responsabilidade de participar de forma ativa (MANZINI, 2008).

Anna Meroni (2008) complementa Manzini afirmando que o designer vem se distanciando das atividades consideradas tradicionais do design, como a criação de produtos e identidades visuais, transformando-se em “designer social”, caracterizado por uma atuação colaborativa. Nesse contexto, o designer, por meio de suas qualidades profissionais, auxilia comunidades, na tomada de decisões estratégicas e projeções de futuro (MERONI, 2008). A autora soma às atribuições do designer social a função de “catalisador de percursos projetuais”, por considerar expertises como imaginar e influenciar comportamentos. Há ainda, segundo Meroni (2008), uma relação entre presente e futuro no design socialmente orientado, a partir da noção de que o presente, desenvolvido da melhor forma, se transformaria em uma mudança de paradigma para o futuro.

O designer, de acordo com a autora, através do ponto de vista profissional e de sua experiência, faz a articulação entre diversas técnicas, disciplinas e estratégias para a criação de artefatos cujas finalidades seriam a de facilitar a mediação (MERONI, 2008). Nesse sentido, entendemos que o designer social não trabalha sozinho, pois, além da participação de comunidades, é importante a contribuição de diferentes disciplinas, formando as redes projetuais propostas por Manzini (2008).

Em 2020, Manzini fez uma reflexão diante do contexto inesperado, e transformador de nossos hábitos, causado pela pandemia de COVID-19, afirmando a necessidade de repensarmos tudo o que foi dito e realizado até o momento. O autor identifica que, em tempos de coronavírus, emergiram caminhos interessantes como a reterritorialização e a microssociedade, elementos os quais devemos considerar nas reformulações das redes projetuais.

A questão da reterritorialização está relacionada à percepção de que estamos imersos em um espaço físico. Desse modo, é necessário que nossas propostas estejam voltadas para estratégias cujo objetivo é a reconstrução dos laços entre os seres humanos e os locais onde vivemos.

Já a microssociedade é o processo de redescobrimto da “micro-sociabilidade”, o qual podemos entender como o contato entre aqueles que moram próximos: a vizinhança. Manzini (2020) entende que, para a inovação social, a proximidade, seja ela física ou não, tem sua função.

O autor conclui destacando que o design para inovação social deve ser orientado pelo objetivo de apoiar a construção de novas formas de comunidade

local, incluindo espaços físicos e digitais, humanos, entidades vivas e não vivas, que constituem a rede da vida.

DESIGN, CONEXÕES E A PRÁTICAS SIMPOIÉTICAS: O “FAZER COM”

De acordo com Szaniecki *et al.* (2019), enquanto na economia industrial o foco estava em produtos e comunicação, a transição para a economia pós-industrial enfatiza serviços e conversação, renovando assim pensamentos e práticas do design. Nesse contexto podemos situar tanto a atuação do designer social quanto às redes projetuais.

Complementada a ideia das redes, Rafael Cardoso (2013) afirma que vivemos em um cenário de complexidade no qual as melhores composições resultariam dos trabalhos em equipes ou redes. Segundo o autor, ajustar conexões antes desconexas, seria uma atribuição do designer.

Considerando nossos tempos complexos, repensar nossas atribuições no seio dessas conexões dialoga com o entendimento de Papanek (1985) sobre a capacidade do designer de transitar por todos os ambientes e usando diferentes ferramentas, nos fazendo assumir uma grande responsabilidade moral e social.

À essas reflexões sobre as conexões no design, podemos somar aquelas de John Thackara (2008) que, ao tratar do tema da sustentabilidade, destaca que, atualmente, é necessário pensarmos as inovações buscando inspiração na ficção social, isto é, em práticas sociais.

Além das redes projetuais, Manzini (2017) nos apresenta outro conceito que se relaciona com o termo conexão, o de “modo de design”, que combina senso crítico, criatividade e senso prático (qual a viabilidade de se fazer algo). De acordo com o autor, integrar entre esses três “dons” possibilita imaginarmos coisas que ainda não estão disponíveis, mas que teriam chances de existir por meio de ações apropriadas (MANZINI, 2017).

Manzini (2017) afirma que o modo de design vem se tornando predominante em outras áreas (não apenas no campo de design), tanto nos diversos níveis de atividades consideradas humanas quanto para sujeitos individuais e coletivos. Em um mundo com alta conectividade, as organizações - associações, órgãos públicos, empresas, regiões - estão operando pelo “modo de design” (MANZINI, 2017). Assim, considerando que o modo de design é uma operação já difundida, percebemos que o campo do design é capaz de trazer contribuições para essas organizações que já o operam.

Articulando o modo de design de Manzini (2017) e o que Pazmino (2012) entende como atribuição do designer social, podemos refletir sobre a formação de coalizões entre designers, órgãos públicos, ONGs e comunidades, guiando-nos pelo modo de design e a produção para necessidades sociais reais.

Estamos vivendo um período marcado por crises econômicas, ambientais e sociais, agravada ainda mais pela pandemia de COVID-19. Para refletirmos sobre esse contexto, mais especificamente a partir de onde o vivemos, na Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em parceria com o Arranjo Local Penha, recorreremos à Donna Haraway (2016) que usa o termo “turbulência” para definir a complexidade atual resultante dos consequentes processos devastadores da ambiciosa ação humana sobre o planeta Terra. A superação dos resultados catastróficos dessas ações, de acordo com a autora, compreende as dinâmicas da denominada Era do Chthuluceno, caracterizada pela formação de arranjos, ou parentescos, que incluem humanos, não humanos, mais que humanos. É nesse contexto que emerge o pensamento tentacular que, segundo Donna Haraway (2016), é caracterizado por complexos e problemáticos tentáculos, embolando-se em temporalidades e espacialidades, além da conformação de novas relações.

O Arranjo Local Penha é uma rede de parceiros que atua na região da Serra da Misericórdia, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de promover ações relacionadas à agricultura urbana, debatendo sobre temas como alimentação saudável e agroecologia, a partir de oficinas, palestras, vivências e mutirões (ARRANJO LOCAL DA PENHA, 2020), é uma rede que envolve não somente humanos e suas instituições, mas também a relação com a terra, as plantas, alimentos. É nesse sentido que Haraway se torna uma aliada importante para pensarmos essas redes. Para entender o pensamento tentacular, Haraway nos mostra que, para essa Era que ela chama de Chthuluceno, é importante “ficarmos com os problemas” (*staying with the trouble*) entendendo que a sua composição é feita por um emaranhado de temporalidade no qual não há a eliminação do passado, consideramos o presente e pensamos o futuro (HARAWAY, 2016). É do pensamento tentacular que surge a visão de um mundo configurado por *string figures*, ou figuras de corda tal como conceituadas por Donna Haraway (2016). Para entendermos essa configuração, é necessário que as práticas sejam embaçadas pelo o que a autora chama de *simpoiesis*, formas interessantes e possivelmente efetivas para pensarmos caminhos em nosso contexto.

O termo *simpoiesis*, presente no texto de Donna Haraway (2016), é cunhado por Beth Dempster para dar nome a um sistema de produção coletivo, em que

não há definição de limites espaciais e temporais, e no qual as informações e o controle são distribuídos a todos os componentes. Para Haraway (2016), são sistemas evolutivos dos quais podem emergir a reabilitação e a sustentabilidade dos sistemas vivos, tão prejudicados nas últimas décadas pelas ações humanas.

As ações simpoiéticas fazem parte do Chthuluceno visto que essa Era não tem fim, só continuidades, e suas zonas de contato são onipresentes. Assim como ocorre na *poiesis*, *simpoiética* e *sinchtonica*, não é possível identificar início algum e seus caminhos estarem todos associados por meio da interação entre as unidades (HARAWAY, 2016).

A aproximação entre a simpoiésis e o campo do design pode ser identificada no texto de Szaniecki et al. (2019), a partir do debate sobre as práticas simpoiéticas e o design sustentável. No artigo, os autores citam diferentes práticas, entre elas o Arranjo Local Penha, e propõem pensá-las como um “fazer com” em que se somam também o viver e o lutar com outros, resultando na reflexão sobre um “design com” (SZANIECKI et al., 2019).

Nesse sentido, podemos refletir sobre a proposta de um design simpoiético focado no “fazer com” que envolve diversos campos e atores de forma criativa. Dessa forma, orientamos nossos pensamentos para a criação de laços e para a formação de arranjos por meio do design, buscando caminhos colaborativos e criativos. O ponto de partida é o engajamento do designer nas questões do cotidiano, assumindo nosso papel em um contexto como o do Chthuluceno e entendendo que as práticas colaborativas seriam mais eficientes no cenário atual, olhando para o mundo como uma figura de corda.

Assim, a reflexão sobre a prática simpoiética no design dialoga com o papel de conectar o desconexo, tratado por Cardoso (2013), direcionando essa expertise para a conexão de diferentes campos e atores, com o objetivo de procurar e criar caminhos voltados para a redução de determinados nós. Trazemos então, para o debate sobre o design sustentável embasado no tripé sociedade-economia-meio ambiente, a ótica da relação simpoiética. Nela, as conexões entre esses três elementos incluem humanos e não humanos. Essa ótica é essencial para as relações do design com o campo da saúde.

Manzini (2020), ao refletir sobre o momento de expansão do coronavírus que vem exigindo toda uma reformulação de nossas vivências, dialoga com o design simpoiético ao destacar que o design de inovação social deve ter como objetivo apoiar a construção de novas formas de comunidade local em que são considerados humanos, entidades vivas e não vivas, espaços físicos e digitais.

DESIGN E SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA ENTRE A ESDI E O ARRANJO LOCAL DA PENHA

A saúde no Brasil é um direito social previsto na Constituição Federal de 1988, junto à educação, trabalho, lazer, moradia, alimentação, transporte, segurança etc. (BRASIL, 1988). Os direitos sociais são fundamentais para o equilíbrio da sociedade, cabendo ao Estado provê-los por meio de políticas públicas.

É possível observarmos que existem relações entre cada direito social, indicando que um eventual prejuízo a algum deles terá efeitos sobre os demais. Assim, podemos olhar para os direitos sociais como elementos interligados e essenciais para a saúde brasileira.

A consolidação da saúde como um direito ocorre por meio do Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS) cujo funcionamento é regido por princípios e diretrizes tais como: acesso universal, preservação da autonomia das pessoas para que possam defender sua integridade física e moral, e participação popular. O SUS foi implementado por meio da Lei 8.080 de 1990, destacando-se o Artigo 2º: “A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício” (BRASIL, 1990).

O design e a saúde costumam se encontrar quando os assuntos são serviços ou produtos. No contexto da pandemia de Covid-19, iniciado em 2020, podemos identificar esse encontro no trabalho conjunto entre designers e profissionais da saúde para produzir equipamentos de proteção individual, um “fazer com” que envolveu duas instituições da Universidade Estadual do Rio de Janeiro: a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) e o Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE).

O design gráfico também pode ser bastante funcional para o campo da saúde, já que, segundo Lucienne Roberts e Rebecca Wright (2017), atua por meio de palavras e imagens; signos e símbolos; cores e formatos para comunicar visualmente, resultando em mensagens, projetando ideias e contribuindo com as experiências. Nesse sentido, as autoras identificam que o design gráfico auxilia à saúde para persuadir, como nas imagens de campanhas voltadas para diminuir o uso do tabaco; educar, informando sobre o funcionamento do corpo humano assim como escolhas saudáveis; orientar espacial em ambientes hospitalares (hospitalização), ajudando no trânsito de pacientes e visitantes nesses espaços hospitalares, auxiliando na redução do estresse e da ansiedade; provocar, funcionando como uma ferramenta que empodera ou desperta a conscientização para ações e mudanças de comportamento, como as campanhas; informar sobre

doenças contagiosas por meio do design e da visualização das informações (ROBERTS; WRIGHT, 2017).

Contudo, serviços, produtos e comunicação visual não são as únicas aproximações possíveis entre design e saúde. As pesquisas que vimos realizando no *Arranjo Local Penha* são exemplos dessas diferentes possibilidades e abertura de novas investigações sobre como design e saúde se encontram.

Como já citado o Arranjo Local da Penha é uma rede formada por diferentes parceiros que atua na região na Serra da Misericórdia, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Dentre os atores sociais estão incluídos o Centro de Integração Serra da Misericórdia (CEM), a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ), com a participação de alunos da graduação e de doutorado; Clínica da Família Doutor Felipe Cardoso; Escola Municipal Brant Horta; Parque Ary Barroso (Arena Dicró); AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia (instituição de direito civil voltada para o fortalecimento da agricultura familiar); Espaço de Desenvolvimento Infantil Maria de Lourdes Ferreira, entre outros. O Arranjo, com sua composição híbrida, conta com atividades mediadas por designers, e se apresenta como um espaço bastante potente para as ações simpoiéticas.

Nosso contato inicial com essa rede foi através de Diego Costa, doutorando da ESDI, membro do Arranjo e um dos pesquisadores que constitui a rede de relações entre ESDI e Arranjo Local Penha. Embora o design já participasse do Arranjo por outras frentes de ação, como o trabalho em conjunto com uma escola municipal, vamos nos concentrar aqui no trabalho da saúde a partir da Clínica da Família Doutor Felipe Cardoso, localizada no bairro da Penha e chamada comumente como Clínica da Família da Penha.

A promoção de saúde está implicada em todo o projeto do Arranjo já que promove uma vida mais sustentável e valoriza os saberes locais; são trabalhadas ações também que promovem saúde ambiental, através das práticas voltadas para o meio ambiente, como o uso responsável do solo, contribuindo para a redução dos problemas ocasionados pelas construções em encostas, comum nas comunidades do Rio de Janeiro; e, também, a saúde mental, entendendo que as ações da rede como forma de sociabilidade e produção de encontro contribuem para o bem-estar mental da população, no entanto, nossa atuação foi num espaço que é diretamente entendido como espaço de saúde.

As clínicas da família, e desse modo a Clínica da Família da Penha, funcionam como uma “porta de entrada” dos cidadãos cariocas no Sistema Único de Saúde (SUS), caracterizando-se pelo atendimento inicial, ou “Atenção Básica”, de acordo com a hierarquização do SUS, trabalhando por meio de mecanismos

de prevenção, promoção da saúde e detecção precoce de doenças. O atendimento básico tem a função de evitar a sobrecarga das emergências dos hospitais já que muitos casos poderiam ser tratados no atendimento básico, além de ter um foco na prevenção, diminuindo, ou retardando, o surgimento de doenças.

A clínica é uma importante parceria para o Arranjo pois, por meio das “Rodas de Alimentação e Saúde”, formadas pela nutricionista, um grupo de pacientes, mulheres, e algumas articuladoras da rede, foi construída uma ponte para promover saúde através da agroecologia. As rodas foram os espaços que permitiram desenvolver mecanismos de prevenção e controle de doenças relacionadas à alimentação envolvendo não apenas saúde alimentar, como também saúde ambiental e mental.

Desde 2017 tínhamos contato e realizado algumas ações com o grupo “Rodas de alimentação e saúde”, no entanto, em outubro de 2018, a notícia da demissão de equipes em diversas clínicas da saúde da família, extinguindo o setor da nutrição da Clínica da Penha, causou grande comoção nas pacientes e no Arranjo. Como não deixar os conhecimentos trabalhados na Roda de Alimentação e Saúde se perderem com o encerramento das atividades da Nutrição na Clínica da Família da Penha, foi o que nos impulsionou a pensar como o design poderia atuar nesse espaço produzindo uma memória e um futuro do e com o grupo.

Como ideia inicial, pensamos na produção de uma campanha de defesa e valorização da nutrição na região do complexo da Penha. Contudo, considerando que dentre os objetivos do Arranjo Local da Penha estava o estímulo ao protagonismo e à autonomia do grupo, chegar com uma estratégia pronta seria um processo vertical, o que estaria em conflito com os princípios e as práticas do Design Participativo (DP), caminho pelo qual todos os designers do coletivo buscávamos trabalhar. O DP, de acordo com Robertson e Simonsen (2013), não tem regras e, também, não se define por fórmulas ou definições escritas, logo, verticalizar o processo seria cairmos em contradição. Nesse sentido, iniciamos o trabalho em novembro de 2018, tentando entender como o grupo estava se sentindo diante daquela turbulência.

Para tratarmos neste artigo, dividimos as atividades em duas fases, uma de aproximação e a seguinte de produção. A duração total do trabalho com o grupo foi de sete meses, ocorrendo entre novembro de 2018 e julho de 2019.

Como atividades da fase de aproximação realizamos: colagem utilizando imagens e palavras, buscando entender como as pacientes estavam se sentindo após a saída da equipe de nutrição da Clínica da Família (novembro de

2018); dois encontros com propostas de confraternização, buscando estimular a manutenção do grupo (dezembro de 2018 e janeiro de 2019); mapeamento do bairro a partir da visão da moradoras para compreender um pouco as dinâmicas da região e os hábitos das mulheres (janeiro de 2019); conversa sobre o que é saúde, visando identificar como as participantes a relacionam com suas vivências (março, 2019); conversa sobre nossos passos durante os meses seguintes e que poderíamos produzir em conjunto (março de 2019); encontro comemorativo do Dia Internacional das Mulheres, em que as participantes do grupo levaram receitas e imagens de mulheres que as inspiram (março 2019); mapeamento sobre a questão do lixo no Complexo da Penha, demanda que surgiu a partir da conversa sobre saúde, contando com a condução de outro multiplicador do Arranjo Local da Penha (abril de 2019); piquenique na Arena Dicró com a participação da nutricionista que conduzia a Roda de Alimentação e Saúde, proposta pela mesma, visando resgatar as memórias do grupo (abril de 2019); oficina de culinária conduzida por uma das participantes da Roda complementado o objetivo do encontro anterior (piquenique), estimulando a autonomia por meio do “colocar a mão na massa” e o protagonismo ao passar um conhecimento à suas colegas (abril de 2019).

Figura 1- Atividades da fase de aproximação



Fonte: Acervo das autoras.

Cabe destacar que nos primeiros encontros as atividades foram propostas por nós, mas ao longo do processo as participantes foram se tornando mais ativas e coautoras das atividades.

Da primeira fase, percebemos que emergiram dois elementos muito importantes: receitas como instrumento de rememoração e integração do grupo, e um desejo de valorização do bairro da Penha. Chegamos, portanto, à fase de produção, propondo a construção coletiva de um livro de receitas, incluindo aquelas aprendidas com a nutricionista, como também as que já costumavam fazer em seus cotidianos, integrando as histórias de vida de cada participantes da Roda de Alimentação e Saúde. Para isso realizamos as seguintes atividades: oficina de comunicação mediada por profissionais e alunos ligados à área de Comunicação

da UFRJ, com o objetivo de estimular a comunicação oral e o diálogo; oficina “Minha história”, que cada participante conta um pouco de sua história na Penha e na Roda de Alimentação e Saúde; diagramação coletiva; cocriação em que levamos o livro em desenvolvimento para que outros moradores da Penha, não participantes da Roda, pudessem contribuir; avaliação da “boneca” do livro, momento em que avaliamos a materialização do conceito, das cores, fontes e ilustrações escolhidas; lançamento do livro no LivMundi²; conversa sobre o lançamento do livro, em que tratamos de possíveis mudanças no conteúdo do livro e outros materiais que gostariam de desenvolver; seleção de receitas para a produção de um zine de receitas para ser distribuído na Penha.

Figura 2- Atividades da fase de produção



Fonte: Acervo das autoras.

² Festival da Vida Sustentável, que ocorreu na Arena Dicró, bairro da Penha, e no Parque Lage, zona sul do Rio de Janeiro.

Da segunda fase, é importante destacarmos caminhos que estimularam a autonomia no grupo: representatividade, por meio da definição do conceito do livro, e o entendimento do design enquanto ferramenta e o processo do “fazer com”.

É fundamental ressaltar a questão do conceito, pois as mulheres pediram que na capa do livro fosse retratada a Dona Glória, participante mais idosa do grupo, surgindo a ideia de conceituar o livro como um caderno de receitas de uma moradora fictícia da região: a Dona Penha. A definição do nome da “personagem” foi uma forma de pensar essa moradora como a personificação do bairro da Penha, buscando a reflexão sobre a sua valorização. A partir da identificação e da representatividade, temos o bairro da Penha emergindo como uma entidade tão mulher e tão potente quanto as participantes da roda.

A percepção do design como ferramenta e a importância do “fazer com” ficaram evidentes na dinâmica do pré-evento LivMundi, por meio da tomada de decisão do grupo em falar para os demais participantes o que vínhamos realizando desde 2018, bem como na fala de uma das mulheres da Roda, que afirmou: “sem você nós não teríamos as ferramentas para isso!”. A troca do pronome “você” pelo substantivo “design”, nos permitiu compreender que o processo participativo de design que estávamos tentando realizar estava dando resultados, indicando o caráter democrático do design enquanto uma ferramenta capaz de amplificar vozes.

Outras falas das participantes nos chamaram a atenção. Durante a oficina de comunicação, Sarah destacou que a mudança da mediação da nutrição para o design não era uma substituição, mas sim uma continuação, já que a nutricionista representava o passado, e a designer, o presente. Já na reunião de avaliação do trabalho realizado pelo Arranjo durante 2019, as participantes afirmaram que a “turbulências as mantiveram mais fortes”.

Todas essas falas nos encaminham para o “ficar com os problemas” e as temporalidades marcadas pelas relações entre passado, presente e futuro, abordadas por Haraway (2016). O passado sempre acompanhou os encontros, seja nas memórias, na temática da alimentação, temática de grande parte das atividades, e a realidade da ausência da nutricionista que expressa também a precariedade da saúde que o bairro recebe. O presente representou o período em que o design entrou em ação e buscamos conjuntamente ser resilientes após a demissão do setor de nutrição da Clínica da Família, ficando com os problemas que essas mulheres vivem e enfrentam. O futuro ficou evidenciado nos planos que as participantes da Roda passaram a propor, como o desenvolvimento de outros materiais além do livro.

DESIGN & SAÚDE: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS SIMPOIÉTICAS

A experiência do Arranjo Local da Penha pode ser observada como uma construção simpoiética. Ao olharmos as práticas do coletivo pela ótica da saúde, identificamos uma relação de simpoiésis, traduzidas pelas ações voltadas para questões ambientais referentes às moradias, por meio do plantio em suas casas; a alimentação, através da luta pela soberania alimentar; e da saúde mental, percebendo que os encontros contribuem para o lazer dos moradores da região. Por essa perspectiva vemos a simpoiésis também refletida nos direitos sociais, já que saúde, moradia, alimentação e lazer estão dentre eles.

Podemos perceber também como as ações no Arranjo, mesmo antes da crise provocada pela COVID-19, mas sendo reforçados por ela, se constituem a partir de reterritorializações e microssociabilidades colocadas como importantes por Manzini. As ações locais, com parcerias de vizinhança e baseadas na própria terra como espaço fértil e de vida, assim como terra de memória de outros humanos e não humanos que ali viveram.

O papel do design na relação entre o Arranjo e a Clínica da Família nos gera uma interessante reflexão sobre a reaproximação do SUS com os movimentos populares, que foram fundamentais na consolidação do sistema de saúde. Dessa forma, identificamos nosso papel, enquanto designers, tanto na conexão do que não está conectado (CARDOSO, 2013), como no “lutar com” proposto pelo design simpoiético (SZANIECKI et al., 2019) como um caminho para o reforço do SUS e da garantia da saúde como um direito social.

No que diz respeito ao trabalho mais específico com as pacientes da Clínica, a simpoiésis também se mostrou presente na relação que acabou se formando entre a saúde alimentar e a saúde mental. Fazemos essa afirmação com base no que coletamos durante as atividades, como nos sentimentos gerados antes e depois do problema da demissão. Destacamos uma fala emblemática em uma determinada ocasião, na qual Sarah, uma das participantes mais assíduas dos encontros, disse que a nutricionista as ensinavam a comer e a designer estava ensinando-as a se amar. Considerando que, mesmo após a saída da nutrição, continuamos pautando nossas práticas pela alimentação e o amor próprio foi percebido pela participante, entendemos que há uma relação estreita entre a saúde mental e saúde nutricional, refletindo o cuidar de si como uma expressão de afeto.

Não é uma tarefa muito simples encontrar uma vasta literatura abordando o tema *Design & Saúde*, mas é possível acharmos artigos que tratam de produções

de design que atendem o campo da saúde por meio do projeto de produtos ou de serviços. Nesse sentido, temos a capacidade de contribuir para a construção de um referencial nos embasando no design sustentável, através da reflexão de que os problemas da saúde são questões sociais, que se relacionam também com as ambientais, logo, necessidades reais para as quais o designer tem condições de apresentar não necessariamente soluções, mas caminhos ou possibilidades. Nesse sentido, quando Roberts e Wright (2017) destacam os importantes papéis desempenhados pelo design gráfico voltado para a saúde, temos a possibilidade de pensar a promoção da saúde como uma função social das mais importantes para o designer, ainda mais em um país onde a saúde é um direito social inscrito na Constituição mas nem sempre garantido na vida real.

Observamos, neste texto, que é possível nos apoiar em diversos autores para orientarmos nossas práticas, destacando-se os conceitos de modo de design, e simpoiésis, sem esquecermos que as práticas em campo são essenciais, principalmente quando queremos falar sobre temas ligados à democracia.

Dessa forma, percebemos que o design não deve se encaixar em uma produção linear a partir da resposta de um designer ao briefing de um cliente, seja ele uma empresa comercial ou uma comanda governamental. No campo da saúde, é particularmente necessário desalinhar o linear para pensar e atuar por meio das “tentacularidades” de Donna Haraway, optando por um design que é um “fazer com” entre uma multiplicidade de atores e a multiplicidade da própria noção de saúde. Esta percepção reflete o que foi experienciado junto ao Arranjo Local da Penha, não apenas quando verificamos as relações da saúde com meio ambiente, lazer, alimentação, moradia, como também no papel do design enquanto uma ferramenta democrática que, apropriada pelas moradoras da Penha, constrói novos caminhos para “lutar com” os movimentos sociais e o SUS, pela redemocratização da saúde brasileira, reaproximando Estado e comunidade, por meio de ações afetivas e territoriais. O design na saúde é necessariamente uma simpoiética.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac e Naify, 2008.

HARAWAY, D. **Staying with the trouble**. Carolina do Norte: Duke University Press, 2016.

MANZINI, E. **Conversation 2020: Reset**. Disponível em: https://www.desisnetwork.org/2020/07/09/conversations2020reset/?fbclid=IwAR18kbw-7qLv2OKK2_rClS WwvMsvWEP9UEHhHOZ2CPKz1J2PG5boLmgzGqFo. Acesso em: 20 jul. 2020.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, E. **Design quando todos fazem design**. Porto Alegre: Unisinos, 2017.

MERONI, A. Strategic design to take care of the territory. **Networking Creative Communities to link people and places in a scenario of sustainable development**. In: P&D Design 2008, 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo, 2008.

PAPANEK, V. **Design for the real world: Human Ecology and Social change**. London: Thames & Hudson, 1985.

PAZMINO, A. V. **Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável**. Disponível em: <http://editorainsight.com.br/naolab/wpcontent/uploads/2012>.

ROBERTS, L; WRIGHT, R. **Can Graphic Design save your life?** London: GraphicDesign&, 2017.

SIMONSEN, J; ROBERTSON, T. Participatory Design: an introduction. In: SIMONSEN, J; ROBERTSON, T. **Routledge International Handbook of Participatory Design**, 2013. p. 1-18.

SZANIECKI, B *et al.* **DESIGN.COM: práticas simpoiéticas no design contemporâneo**. In: Anais do SDS 2019. Anais... Recife: Blucher Design Proceedings, 2019.

THAKARA, J. **Plano B – o Design e as Alternativas viáveis em um mundo complexo**. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.

BIOGRAFIA DA AUTORA

Barbara Szaniecki é Professora Adjunta na Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI) e pesquisadora do Laboratório de Design e Antropologia (PP-DESDI), possui graduação em Comunicação Visual pela École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs, Mestrado e Doutorado em Design pela PUC-Rio. É coeditora das revistas Lugar Comum - estudos de mídia, comunicação e cultura (Universidade Nômade, Rio de Janeiro) e Multitudes - revue politique, philosophique et artistique (Paris). Suas pesquisas têm ênfase nas relações entre Design e conceitos políticos como: multidão, poder e potência, manifestação e representação. É autora dos livros Estética da Multidão (Civilização Brasileira, 2007) e Disforme Contemporâneo e Design Encarnado: Outros Monstros Possíveis (Annablume, 2014).

E-mail: szanieckibarbara@gmail.com

Talita Tibola é psicóloga (UFSM) e escritora, mestre em educação pela Linha de pesquisa Filosofia da Diferença e Educação (UFRGS), doutora em psicologia pela Linha de pesquisa Subjetividade, Política e Exclusão Social (UFF). Atualmente atua na clínica e é pesquisadora PNPd/CAPES no Laboratório de Design e Antropologia na Escola Superior de Desenho Industrial (UERJ) onde pesquisa metodologias colaborativas de pesquisa e intervenção que permitem a construção de diálogo, visualização de consensos e dissensos e o acompanhamento de tomadas de decisões coletivas em ambientes clínicos e sociais.

E-mail: talita.tt@gmail.com

Camille Moraes é designer gráfica graduada pela EBA/UFRJ, mestra em Ciências pelo ICICT/FIOCRUZ e doutoranda em Design na ESDI/UERJ, onde pesquisa o papel do design para participação popular na luta pela democratização da saúde brasileira. Desde de 2014 é servidora do Governo do Estado do Rio de Janeiro, trabalhando como designer gráfica na Fundação Cecierj.

E-mail: moraes.camille@gmail.com

